

FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM MARICÁ: caminhos e diálogos da alfabetização no cenário atual

*Alessandra Iguassú da Fonseca*¹

*Jonathan Teles Santos*²

*Marisa de Souza Antunes*³

7. Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo

Este estudo é fruto da vivência com a formação continuada de professores no município de Maricá-RJ que vem se construindo através dos diálogos entre a Secretaria de Educação e os desafios que surgem na sala de aula. A experiência que relatamos é oriunda do Minicurso de Alfabetização que ocorreu em 2022, com profissionais da educação que atendem desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental. O objetivo aqui é retratar as expectativas com o curso de alfabetização na rede de ensino, as relações estabelecidas com a práxis e as dificuldades encontradas pelos professores para ensinar os discentes que chegam aos anos finais do ensino fundamental I e início do fundamental II ainda com dificuldades na compreensão da leitura e da escrita.

Palavras-chaves: alfabetização; formação continuada; prática docente.

Para início de conversa... os estudos sobre Alfabetização na Rede de Ensino em Maricá

As políticas públicas em Maricá vêm ao longo dos anos ampliando a relação teoria e prática, com estratégias para promover e estimular a formação continuada dos professores

¹Pós-Graduada em Educação Infantil e Desenvolvimento/UNICAM. Graduada em Pedagogia/UFF. Professora das séries iniciais do EF, Orientadora Pedagógica e Assessora Pedagógica do Ensino Fundamental I da Secretaria de Educação do Município de Maricá/RJ. Contato: alessandraiguassu@yahoo.com.br

²Pós-Graduado em Alfabetização e Letramento (Faculdade São Luís). Graduado em Letras-Literaturas (UERJ/FFP). Professor das séries iniciais do EF e Assessor Pedagógico do Ensino Fundamental I da Secretaria de Educação do Município de Maricá/RJ. Contato: profjhonteles@gmail.com

³ Mestranda em Tecnologias Emergentes em Educação (Must University- Flórida/ USA). Inspetora Escolar e Gerente do Ensino Fundamental I da Secretaria de Educação do Município de Maricá/ RJ. Contato: marisasouzasantunes@gmail.com

alfabetizadores em nossa rede.

Compreendemos que política nacional de alfabetização deva integrar os processos de alfabetização e letramento, e levar em consideração a grande diversidade e complexidade de realidades e contextos que existem no Brasil. Isso significa que as soluções não serão únicas. Elas precisarão dialogar com as diferentes realidades e as necessidades locais.

A aquisição da leitura e da escrita no Brasil, considerada, de modo geral, aquém do esperado, está além da aprendizagem dos alunos em si. Também são necessários professores capacitados e motivados, uma estrutura escolar adequada, alunos com condições socioeconômicas dignas, entre vários outros fatores. Sabemos que os estudantes precisam receber todas as condições possíveis para que aprendam da melhor forma e dentro do tempo esperado, em um sistema de ensino dividido em etapas (anos) para as quais há um nível de conhecimento a ser atingido. Há, contudo, outra personagem nesse processo de ensino-aprendizagem que também é indispensável: o professor.

Infelizmente, o professor que está na escola dificilmente tem acesso às teorias emergentes no cenário educacional, sem que essa venha de maneira imposta, em uma relação entre os que pensam e os que executam – dos produtores de conhecimento para a prática de sala de aula. Dificilmente o professor participa dessas discussões, ficando apenas com o papel de repetir o que foi aprendido nos processos de formação continuada.

Destaca-se aqui o posicionamento de Nóvoa (2009) frente à forma de produção de conhecimento voltado para a educação, no que se refere à voz do professor que raramente está presente – a não ser como objeto-investigado – enfrentando duras críticas sobre sua prática, onde os louros são atribuídos aos investigadores por desvelar a situação vivida dia a dia em sala de aula, excluindo-se o profissional da educação de tais discussões e de sua própria prática.

Abandonando o conceito de formação docente como processos de atualização que se dão através da aquisição de informações científicas, didáticas e psicopedagógicas, descontextualizadas da prática educativa do professor, buscamos adotar um conceito de formação que consiste em construir conhecimentos e teorias sobre a prática docente, a partir da reflexão crítica.

Com isso, o objetivo aqui é retratar as expectativas com o curso de alfabetização na rede de ensino, as relações estabelecidas com a práxis e as dificuldades encontradas pelos professores para ensinar os discentes que chegam aos anos finais do ensino fundamental I e início do fundamental II ainda com dificuldades na compreensão da leitura e da escrita.

2 .Formação do(a) professor(a) Alfabetizador(a)

Perrenoud (2002) salienta que para formar um profissional reflexivo é preciso acima de tudo formar um profissional capaz de dominar sua própria evolução, construindo competências e saberes mais ou menos profundos a partir de suas aquisições e de suas experiências. A formação dos professores alfabetizadores é o mecanismo fundamental no qual são desencadeadas mudanças significativas na prática pedagógica, através dela, muitos docentes podem não apenas discutir o tema alfabetização, mas reconstruir suas concepções sobre a educação como um todo. No entanto, a formação não se faz antes da mudança de postura do docente, pois cada educador deve ser responsável por sua ação educativa, e esta mudança ocorre aos poucos justamente durante o processo de formação.

Ao discutir-se formação docente, é imprescindível atrelar à tal processo as relações vivenciadas pelos docentes na escola e, a partir dessas relações considerar as diversidades e pluralidade envolvidos nesse contexto.

“Existe, nos processos de formação para a docência, um cabedal de conhecimento considerados necessários ao exercício da profissão; existe também a consciência de que a atenção é importante e necessária para o entendimento da situação pedagógica, construída a partir da própria história dos processos de formação/escolarização dos professores(...). (RODRIGUES, 2003, p. 84).

As reflexões devem ser conduzidas à luz da teoria que preconiza, levando os docentes a reconstruir e recontextualizar suas certezas, e discutir por que e como alfabetizar na perspectiva do letramento; essa é, a priori, a postura do formador.

Questionam-se sobre o que o professor precisa fazer para que o aluno leia, escreva, compreenda os textos lidos, comparando-os com outros textos etc. Essa tarefa múltipla exige muita preparação e estudo, não basta que o docente seja formado - e bem formado-, uma vez que ele precisa estar ciente do que acontece no mundo e, principalmente, da realidade de seus alunos. Em tal contexto, a formação constante e a troca de conhecimentos/experiências com os pares e com os alunos podem ser alternativas capazes de fortalecer as linguagens envolvidas nesse processo.

A partir desse princípio, abandona-se o conceito de formação docente como processos de atualização que se dão através da aquisição de informações descontextualizadas da prática educativa do professor, para adotar um conceito de formação que consiste em construir conhecimentos e teorias sobre a prática docente, a partir da reflexão crítica.

Sobre esta orientação, Imbernón afirma:

“A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes.” (Imbernón,2001 p.48-49).

3. Minicurso de Alfabetização

Durante a pandemia COVID-19 que acarretou o distanciamento social e a suspensão das aulas presenciais no Brasil e no mundo, deparamo-nos com vários entraves, dentre os quais destacamos: a falta de acessibilidade aos recursos digitais pela maioria da população brasileira, principalmente na realidade pública; a necessidade de atualização formativa docente e gestora diante das novas e necessárias metodologias a serem empregadas no ensino remoto em 2020 e híbrido no ano de 2021; e a necessidade de realinhamento pedagógico para a construção e reflexão referente aos currículos escolares diante da atualidade.

A reflexão e a ação diante do fazer e refazer pedagógico fazem parte do caminhar da educação e da construção dos currículos escolares em todas as suas vertentes.

Segundo Freire:

[...] o exercício de pensar o tempo, de pensar a técnica, de pensar o conhecimento enquanto se conhece, de pensar o quê das coisas, o para quê, o como, o em favor de quê, de quem, o contra quê, o contra quem são exigências fundamentais de uma educação democrática à altura dos desafios do nosso tempo.(Freire,2000, p.102):

Com o intuito de dialogar sobre as práticas alfabetizadoras na rede de Maricá, refletindo sobre conceitos teóricos que embasassem e ressignificassem o cotidiano na escola que o Minicurso de Alfabetização surge em 2020. Com a perspectiva de encontros presenciais inicialmente, devido ao isolamento social pela Covid 19, o curso foi ministrado on-line durante este ano. Nesse momento, os desafios discorreram sobre “como alfabetizar remotamente?”. Nessa realidade inimaginável, nossos professores precisaram se reinventar e aprender novas tecnologias para alcançar os alunos.

Em 2022, o cenário educacional pós pandemia ressaltou as dificuldades relacionadas à alfabetização existentes nas escolas. As questões que emergiam para os professores eram o processo de alfabetização dos alunos, precisamente como atingir os discentes que chegam ao 4º e 5º ano do ensino fundamental I e início do ensino fundamental II, 6º ano, ainda sem a compreensão da leitura e escrita.

Estimulados com essa oportunidade de diálogo e formação acerca do tema, participaram do minicurso diversos profissionais da educação, entre professores, orientadores educacionais e pedagógicos, inspetores escolares, gestores, agentes culturais que atuam no ensino integral e assistentes de alfabetização do Programa Tempo de Aprender. Ao todo foram 65 escolas da rede que estiveram envolvidas.

Os módulos discutidos durante a formação continuada abordaram as seguintes temáticas:

MÓDULO I - Modos de Aprender e Ensinar: enfrentando as dificuldades com diálogos socioemocionais na construção do leitor.

MÓDULO II - Como planejar na diversidade?

MÓDULO III - A importância do trabalho alfabetizador interdisciplinar para uma Educação Integral

MÓDULO IV - Os desafios do ensino da leitura e da escrita: o fazer e o refazer pedagógico

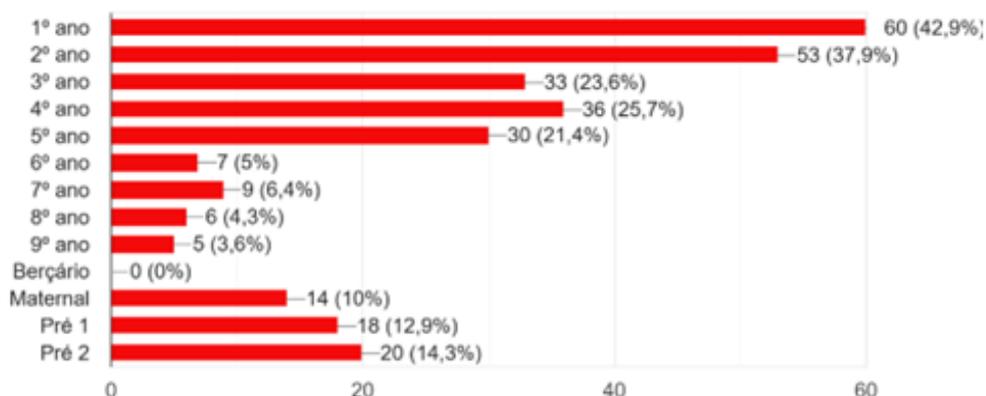
MÓDULO V - O que aprendo enquanto ensino? Práticas alfabetizadoras significativas.

Ao fim de cada módulo, os cursistas realizavam uma proposta prática com seus alunos.

4. “Mas eu não sou professora alfabetizadora, como vou alfabetizar alunos no 6º ano?”

Ao observarmos as turmas dos quais os cursistas atuavam durante o minicurso e o maior público inscrito foram os profissionais que atendem os 1º, 2º e 3º anos do Ensino Fundamental, grupo que compreende o processo inicial de alfabetização nas escolas.

Turma em que atua:
140 respostas



O interesse pelos métodos de alfabetização atraem muitos profissionais iniciantes no processo de ensino e aprendizagem da língua escrita, e até mesmo os mais experientes com estas classes mas que sentem a necessidade para aprofundar teoricamente suas práticas. O que foi se delineando ao longo dos módulos do curso, é que não existe um único método eficaz para alfabetização, é preciso compreender, sobretudo, como ensinar, o quê e para quem. Para Magda Soares, método de alfabetização é um “caminho em direção a um fim, considera-se que o *fim* é a criança alfabetizada, o *caminho* é o ensino e a aprendizagem” (SOARES, 2016).

Outros participantes do curso demonstraram interesse em conhecer outras práticas alfabetizadoras; almejavam entender o grito silencioso dos alunos que chegavam “sem saber ler e escrever” nos anos finais do Ensino Fundamental I (4º e 5º ano) e no 6º ano.

A professora Cristina da escola CAIC Elomir Silva, no Módulo I⁴, respondeu a avaliação do encontro:

“Foi interessante, mas sou professora de Geografia e estou com alunos não leitores nas minhas duas turmas de 6º ano e não sei o que fazer porque não sou professora alfabetizadora e achei que o curso poderia me ajudar nesse sentido. Mas pelo o que percebi o curso é mais voltado para professores de português.”

O minicurso foi pensado para discutirmos a escola como espaço público, coletivo, em que aprendemos sobre o mundo e sobre a ação dos homens no mundo. Espaço de aprendizagem da história do ser humano e de seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, de criação de novos conhecimentos e novas possibilidades de vida.

O processo de alfabetização envolve conhecimento fundamental para o processo de

⁴ Em cada módulo do curso, os profissionais realizaram uma auto-avaliação sobre a temática discutida, as experiências e as reflexões geradas. No presente estudo optamos por usar nomes fictícios para os cursistas.

escolarização, pela abertura para a inserção dos sujeitos no valorizado e vasto mundo social letrado. Os professores dos 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental compreendem essa importância, mas iniciaram o curso com a perspectiva de que não lhe cabiam o ensino da leitura e da escrita, que era somente para os profissionais de língua portuguesa.

Nesse sentido, trouxemos a reflexão que todo o professor é professor de linguagem, pois em suas práticas envolvem outros aspectos e conhecimentos ligados à compreensão de múltiplas linguagens sociais e gêneros discursivos e à possibilidade de transformação dessas linguagens e gêneros e de criação de novos enunciados, novos textos. (Goulart, 2020.)

No desenvolvimento de novas práticas, os professores foram olhando para outras possibilidades de enfrentar os desafios pós-pandemia, como sinaliza o professor Júlio, EM Inoã.

“Importante saber e encontrar outros professores com as mesmas angústias. Pensar juntos outras possibilidades de aprendizagem para oportunizar a aquisição da leitura e da escrita, principalmente pós pandemia. Nessa conjuntura não há como afirmar que existem dificuldades de aprendizagem. Estão todos ainda tentando retornar a lógica da escola presencial.”

A lógica da escola presencial não será mais a mesma após a pandemia, pois fomos afetados pelas mudanças após o isolamento social, o uso de novas tecnologias. Olhar em particular para cada aluno em nossas salas de aula, requer compreender seu processo de aprendizagem.

Foi muito enriquecedora a aula hoje sobre o trabalho com reagrupamento para que a nossa turma consiga avançar e sanar algumas dificuldades encontradas. Hoje após esse período longe das salas , nossos alunos encontram muitas dificuldades no reconhecimento das letras e principalmente nas formações de palavras. E esse tipo de trabalho é o mais indicado para conseguirmos atingir nosso educando.

Destacamos no curso o trabalho com a leitura de diferentes gêneros sociais em todos os anos de escolaridade, principalmente aos alunos com idades mais avançadas ainda não leitores. Considerando que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação com o mundo. (FREIRE, 2001). Assim como nos relatou Amanda, da EM Jacintho Luiz Caetano:

“Importantíssimo para o professor alfabetizados, que permite aliar a leitura com a vivência escolar, pois a prática da leitura possibilita desafiado que propicia o desenvolvimento de inúmeras habilidades.”

5 .Nossas considerações

Enfim, o professor tem uma difícil tarefa, que é trabalhar para unir teoria e prática. Não há uma solução prescrita para tudo o que acontece em sala de aula, mas há que se estudar o que acontece na rotina de um professor, para que todos, possam ajudar nessa missão.

Em sua formação, o professor, além de estudar a teoria, deve perceber o que acontece com os demais, compartilhar as suas experiências, refletindo e buscando conhecer melhor a sua realidade social e a de seus alunos. Logo, analisar práticas de ensino-aprendizagem em contexto de alfabetização é um caminho efetivo para orientar o trabalho do professor.

Prescrever, portanto, não cabe mais, porque cada realidade é repleta de subjetividades. Assim sendo, a formação de professores não é apenas defender uma ou outra perspectiva teórica, mas é adentrar-se no mundo do aluno. Isso, sabemos, não é tarefa fácil.

Refletindo sobre essas temáticas do minicurso de Alfabetização em Maricá, questionaram sobre o que o professor precisa fazer para que o aluno leia, escreva, compreenda os textos lidos, comparando-os com outros textos etc. Essa tarefa múltipla exige muita preparação e estudo. Não basta que o docente seja formado, e bem formado, uma vez que ele precisa estar ciente do que acontece no mundo e, principalmente, da realidade de seus alunos.

Em tal contexto, a formação constante e a troca de conhecimentos/experiências com os pares e com os alunos podem ser alternativas capazes de fortalecer as linguagens envolvidas nesse processo.

O professor é o agente da mudança da aprendizagem de seus alunos, mas, para isso, precisa de uma formação para lidar com a realidade do ambiente. Nunes (2018), a partir de discussões teóricas, aponta para a perspectiva de que a formação de professores, inicial ou contínua, deve ser constituída em um processo em que

a valorização das práticas educativas não se sobreponha às teorias que as fundamentam ou vice-versa, evitando-se, com isto, a clássica dicotomia entre teoria e prática tão presente ainda na formação de professores do Brasil em que, ora foca excessivamente nas metodologias e práticas de ensino, ora centraliza-se nos fundamentos teóricos das questões educativas. (NUNES, 2018, p. 20-21)

Do mesmo modo, o professor deve ser sujeito ativo ao construir a sua formação e o desejo pelo aperfeiçoamento deve partir dele próprio.

Referências

- ALVES, Vera Maria Souto. **Formação de professores alfabetizadores:** a perspectiva de alfabetizar letrando-avanços e desafios. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v.21, n. esp.2, p. 1353-1367, nov. 2017. Disponível em: . ISSN: 1519-9029.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam.** São Paulo, Cortez Ed., 2000
- GATTI, Bernardete. **Formação de professores:** condições e problemas atuais. Revista Internacional de Formação de Professores. Itapetininga, n. 1, v. 2, p. 161-171, 2016.
- GOULART, Cecília M.A. **Discurso e ensino:** diretrizes para conceber novos significados para a escola na contemporaneidade. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 49, n. 1, p. 48-71, abr. 2020.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.
- NÓVOA, António. **Professores:** Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- NUNES, Herika Socorro da Costa. **Formação continuada de professores do ensino fundamental centrada na escola:** reflexão e pesquisa-ação para a mudança de concepções e práticas de alfabetização e letramento. 2018.
- PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor profissionalização e razão pedagógica.** Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2002.
- RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Construindo a profissionalização docente.** João Pessoa: Editora Universitária,2003. UFPB.
- SOARES, Magda. **Alfabetização:** a questão dos métodos. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.